



Endora

NOVAS MEMÓRIAS

Luze Azevedo

SUMÁRIO

Reprodução da capa de 1994.....	10
Não É Um Guia	13
	Este livro não pretende ser um guia prático, nem conduzir você, leitor, a lugar algum.
AmoAmarVocê – Amor!.....	21
	Esta é a frase que eu escutei durante a minha infância, e escuto ainda nos dias de hoje.
De Onde Vem A FÉ.....	23
	O diploma do curso primário ainda estava fresco em suas mãos, mas o sonho de continuar...
O Passado No Passado.....	33
	Sou o coronel Arnaldo Garcia, senhor de quarenta mil alqueires que se estendem de Presidente Prudente a Lins!
Criança Minha, Que Saudade!	53
	Penso em você a cada instante em que o tempo me permite parar e pensar.
Véspera de Natal.....	63
	Separar Rosival de tudo que ela simbolizava era como arrancar suas asas, deixando-o preso...

Cafelândia 87

Rosival abriu o canivete com destreza, descascando
a laranja em movimentos precisos.

A Partilha 97

O tronco, imenso e pesado, era arrastado para a beira do eito no carretão.

Meu Amigo Leonel 109

Diga o que pensa com esperança no coração.
Pense no que faz com a força da fé.

Ele Disse Sim 121

Em qualquer roda onde houvesse mais de um
homem a beber, o assunto não era outro...

Nascimento 129

Na boleia da carrocinha, ele estimulou o burroco,
fazendo com os lábios um barulho como...

Desculpa! 147

Terminou, finalmente, a colheita. O último carro
de café foi carregado, levado e beneficiado.

A Sede de Vencer! 163

A parteira aproximou-se do fogão e serviu-se de
uma caneca de café, buscando as palavras...

Os Grandes Amores 181

Ao pôr do sol, o João-de-barro entoava sua sinfonia,
pousado no galho do abacateiro onde fizera seu ninho.

Segunda Parte 187

O aroma agradável do creme de barbear vinha
do banheiro e se espalhava pelo ar.

Eu e a Verneck 189

...vovô surgiu na escada dos fundos, montado em um
cavalo branco, imponente como um cavaleiro...

Quem Sou Eu? 197

No interior marcado pelo tempo e pelas tradições, uma
festa de São Pedro reúne familiares e amigos...

Às Escondidas 199

E Sob o véu dourado das plantações de café, onde o sol
beijava a terra como um amante impaciente...

É Preciso Decidir 207

Depois de uma vida dedicada ao trabalho e à conquista
de seus sonhos, ele se via encurralado...

À Beira Mar 211

Em meio ao calor do final do verão em Bauru, um grupo
de amigos se reúne em um bar para conversar...

O Que Não Tem Remédio	217
-----------------------------	-----

Seu trabalho frutificou, cada gota de suor vertida na
terra da Verneck se transformou em frutos maduros.

Criando Raízes	221
----------------------	-----

O campo e seus mistérios me prendiam como raízes
invisíveis que eu havia criado ali eram...

O Coração Começa A Falhar	231
---------------------------------	-----

...era uma moça morena, de cabelos anelados a cair pelos
ombros, que esvoaçavam ao vento no galope do cavalo.

A Imagem	251
----------------	-----

Cada palmo do chão percorrido, cada colina, cada árvore ou
pássaro exótico, tornava-se íntimo dos meus sentimentos.

Reprodução da orelha do livro de 1994	255
---------------------------------------------	-----

Reprodução da contracapa de 1994	256
----------------------------------------	-----

De Onde Vem A FÉ

O diploma do curso primário ainda estava fresco em suas mãos, mas o sonho de continuar os estudos foi esmagado pela dura realidade: 'sabedoria não enche barriga', sentenciava o pai.

Seus pés descalços eram perfurados por pedras e espinhos a cada passo. O sol da tarde castigava com fúria, e o calor sufocante fazia seus olhos arderem de exaustão. À frente do carro, ele guiava duas parelhas de bois, alternando a vara e o grito para manter os animais em marcha lenta e preguiçosa. Vadão, o cão, seu fiel companheiro, seguia adiante, atento ao menor sinal de perigo.

As rodas do carro rangiam pela estrada empoeirada, e o cansaço enlaçava seu corpo, misturando-se à sonolência pegajosa do calor. Ele lutava contra esse torpor, apertando o passo e cantarolando para os bois. Seus pensamentos vagavam como o vento, pousando sobre sonhos distantes de um futuro próspero e tranquilo.

Aquela era a última viagem do dia, mas ainda havia muito chão a vencer. A estrada escalava a encosta de Maresias – íngreme no início, suavizando-se aos poucos até estender-se por quinze longos quilômetros. No topo, ele avistaria o porto de São Sebastião e, dali, desceria até o cais.

Em uma das viagens, cruzou caminho com o capitão Cataldo, cujo português arrastado e truncado mal conseguia ocultar o destino grandioso da fragata: Irlanda, com uma breve escala na Itália para desembarcar o precioso café brasileiro. *“O café brasileiro é muito apreciado por lá”*, disse-lhe. Seu coração se encheu de júbilo. Lembrou-se do pai, que nascera na Itália e jamais voltou àquelas terras.

Os bois estiravam-se nas cangas, e o rangido das juntas ecoava no silêncio da tarde preguiçosa. No alongar do crepúsculo, a memória do pai, também um homem de luta, o visitava. Como ele, o pai levantava-se antes do amanhecer, entregando-se ao trabalho com a mesma determinação silenciosa. Agora, seu corpo também pedia descanso, mas uma força inexplicável o mantinha firme. Desistir não era opção. A vida exigia sacrifícios, mas ele confiava em suas próprias forças e vislumbrava uma recompensa por tanto esforço: conhecer a terra natal de *suo babo*.

Conhecia a estrada como a palma da mão, e os animais sabiam onde podiam parar para descansar – algo que Vadão, com olhares atentos, determinava. Às vezes, do alto das encostas, ele contemplava o mar e se imaginava partindo além das águas, mas a realidade do trabalho sempre o puxava de volta. O campo e as vielas eram seus velhos conhecidos – o lar, sua terra, onde nascera, numa casa de adobe construída pelo pai, à beira de uma mina de água cristalina, em terras devolutas do Estado.

Seu pai havia nascido em Monte Castelo, Itália. Em uma das raras ocasiões de descontração, o pai lhe confidenciou: *“Com vinte e três anos, meus tios maternos me levaram para tentar a sorte na Espanha, atraídos pelo cultivo de uma nova uva para vinhos rubros. Mas logo estourou a guerra civil, e precisei fugir, sem nada além do meu corpo. Entreguei-me ao mar.”*

Por muitos dias, alimentou-se de água da chuva e restos furtados ao entardecer. Quando foi resgatado por marinheiros, estava quase desnutrido. Um deles o acolheu na cabine do capitão, e sua sorte começou a mudar. A bordo da Condessa Endora, navio de transporte de alimentos, tornou-se ordenança, lavando o convés diariamente.

Seu novo amigo, o marinheiro canadense Candeo, costumava narrar as aventuras que vivera, tentando seduzi-lo com a vida no mar.

— Eu amo o mar, garoto, e você também vai amar. Estamos indo ao Brasil; você vai gostar daquele país e das suas pessoas, fortes e acolhedoras.

— O que vamos fazer no Brasil, senhor Candeo?

— Vamos buscar café.

— E pra que serve esse tal de café?

— Você nunca provou?

— Não.

— É a melhor bebida depois do vinho. Na Europa vale mais que ouro.

Candeo pôs água no fogo, enquanto conversavam sobre o Brasil e o mundo.

— Depois de carregarmos o café, seguimos para a Europa — explicou Candeo. — Passaremos pela Itália, Inglaterra e, por fim, a Irlanda.

— E a Espanha?

— Talvez na volta. O capitão tem uma carga para a Europa, mas isso só depois da Índia.

Com a água fervendo, Candeo misturou o pó, coou e entregou-lhe uma xícara.

- Está quente. Não é melhor esperar?
- Café é clássico, garoto. Bebe-se quente, em reuniões. Experimente e entenda.

A amizade com Candeo floresceu, assim como a paixão pelo Brasil.

Quando chegaram ao porto de São Sebastião, em praias brasileiras, algo brotou em seu peito – uma saudade inquieta, lutando contra o desejo de ficar. Domênico tomou a difícil decisão de não retornar ao navio. Ao se despedir de Candeo, entregou-lhe uma carta para sua mãe, carregada de saudades. A paixão pelas terras brasileiras e pelo aroma do café o conquistaram por completo. Ali, ele plantou suas raízes, dando início à família Palmezan, que logo se entrelaçaria à história daquela terra.

Ali, em meio ao vasto plantio de café, Rosival crescera, ouvindo essa e outras histórias, dividido entre a palmatória e a enxada. A mãe sonhava em ter um filho letrado; era impensável ter filhos analfabetos. Por isso, todas as manhãs, ele sofria a disciplina do mestre na escola, aprendendo as tabuadas e, em meio a duros castigos, desenhando com esforço o contorno das letras do alfabeto nos ditados.

O pai precisava de seus braços na lavoura. Havia que carpir a horta, o feijão, o milho. As galinhas esperavam cuidados diários, e as vacas deviam ser ordenhadas ao amanhecer. Desde muito cedo, acostumou-se a pular da cama antes do dia clarear, sob chuva ou frio, para conduzir as vacas ao curral, onde, na véspera, havia fechado os bezerros em piquetes, separados de suas mães. Esse era o primeiro serviço do dia, e cabia a ele cumpri-lo antes de seguir, a pé, para a escola da vila — uma caminhada longa e solitária.

Como filho mais velho, não soube o que era ter regalias. As irmãs ainda eram pequenas e viviam sempre agarradas à mãe. Ao concluir o curso primário, o pai julgou que já bastava: “***Sabedoria não enche barriga***”, dizia. Assim, sua trajetória escolar foi interrompida, e a vida de trabalho tornou-se sua única realidade — algo que, na verdade, lhe parecia mais familiar que estranho, trazendo-lhe mais bem do que mal.

As agruras da vida moldaram nele um físico forte e resistente. Era capaz de produzir em dobro e possuía uma vontade de ferro, que o impelia a sonhar cada vez mais alto. Aos dezenove anos, Rosival já era um jovem alto e robusto. Seu corpo, acostumado ao trabalho pesado, era rijo e imponente; os cabelos castanho-claros, como espigas de milho ao florescer, cresciam sob o chapéu de palha. A barba cerrada sombreava seu rosto queimado de sol, e seus olhos azuis, vivos e inquietos, ora serenos, ora refletindo a chama de uma mocidade destemida e perseverante, lembravam um jequitibá altaneiro desafiando as tempestades.

No início do ano, com o fruto de anos de economia e trabalho árduo, comprara um carro novo e três juntas dos melhores bois, um testemunho de sua perseverança. Juntara esse dinheiro vendendo galinhas e domando cavalos e burros para o trabalho nas fazendas dos coronéis. Agora, transportava café para o porto de São Sebastião, o que lhe rendia bons lucros. Ele guardava cada centavo com um objetivo claro: comprar um pequeno lote de terra e plantar seu próprio café, para deixar para trás a vida de carroceiro.

No porto, cada viagem completada significava mais um passo rumo aos seus sonhos. Antes mesmo do sol despontar, sua voz já ecoava na estrada, guiando a boiada. Enquanto caminhava, Rosival imaginava-se dono de terras imensas, repletas de gado e cafezais. A riqueza da região parecia ao seu alcance, e ele vislumbrava o dia em que pediria a mão de Janaína, sua maior paixão. Quem sabe, um dia, não seria ele próprio um coronel, admirado e respeitado como tantos outros?

— Então, Rosival, pé na estrada! — dizia a si mesmo, motivando-se a cada passo rumo a seus sonhos.

O carro gemia sob o peso da carga, e os bois resfolegavam na subida íngreme. Ao vencer o morro, ele fez uma pausa. O suor encharcava suas roupas, e o sol fazia brilhar o pelo dos bois. Rosival parou o carro à sombra de uma grande paineira, respirou fundo e pegou a cabaça para um gole d'água, enquanto os animais recuperavam o fôlego. Vadão, seu fiel cão, aproximou-se, e ele dividiu a água com o companheiro de jornada.

Abaixo, maritacas agitavam-se nos galhos de uma figueira brava, seus gritos estridentes rompendo o silêncio do campo. Uma brisa inesperada trouxe alívio ao calor sufocante, convidando Rosival a uma breve pausa. Sentado sobre a raiz exposta de uma árvore, ele fechou os olhos, permitindo que os pensamentos o transportassem até Janaína. Por um instante, parecia que poderia tocá-la, envolto na doçura de um sonho.

Setembro se aproximava, trazendo consigo as festividades da cidade. Entre elas, o aguardado baile no KAI-KAN, o clube mais prestigiado da região. Rosival já traçava seus planos: mandaria costurar um terno azul-marinho com riscas de giz, de linho importado, e faria uma entrada triunfal. Em sua mente, Janaína seria sua companhia na dança, e o pensamento do grande baile preenchia cada instante de suas horas livres.

Na semana que antecederia o dia vinte de setembro, a paróquia de São Sebastião organizaria uma quermesse na praça da Matriz, arrecadando fundos para as obras de caridade do padre Níveo. O evento prometia churrasco, música, sorteios, brincadeiras e um leilão promovido pelas famílias festeiras escolhidas pelo padre. A festa tomava conta da cidade. Os rapazes vestiam suas melhores roupas; as moças, arrumadas, desfilavam pela praça em frente ao antigo cine São José, trocando olhares tímidos com seus pretendentes. Os mais velhos brindavam com cerveja, celebrando velhas conquistas. E todos, por um breve momento, se permitiam esquecer as dificuldades e mergulhar na alegria contagiante da festa.

O baile encerraria os festejos. Ele nem ao menos conhecia o salão por dentro. Apenas ouvira comentários sobre os bailes ali realizados e prometia a si mesmo que, um dia, participaria de tudo — e em grande estilo —, crescendo em prestígio aos olhos da italianinha.

Seu namoro com Janaína resumia-se a longos e apaixonados olhares quando, nos fins de semana, ele passava em frente ao casarão da rua principal, com seu porte altivo, desfilando sua juventude ao lombo de um belo tordilho como se fosse o dono da rua. A jovem derretia-se, corando, e o sangue lhe realçava o verde dos olhos e o dourado dos cabelos. Ele, então, se envaidecia e repetia o ritual quantas vezes pudesse até a hora de voltar para a fazenda.

Naquele ano, as coisas seriam diferentes. Ele faria uma entrada triunfal no salão do **KAI-KAN** com seu terno novo de linho e tiraria Janaína para dançar, sob os olhares invejosos de outros pretendentes e até dos homens comprometidos, tomados de ciúmes.

O bando de maritacas, aumentando a gritaria, alçou voo, despertando-o de suas divagações e trazendo-o de volta ao presente. Levantando-se, pendurou novamente a cabaça no fueiro do carro e, com um grito de comando, incentivou os bois, retomando a marcha sob o sol escaldante. Vadão ajustou o trote dos animais e rumou para o destino final da carga.

A fornada estava agora pela metade; os próximos quilômetros eram em declive até a vila, passando por um trecho da estrada onde, dos dois lados, havia pequenas chácaras cultivadas com hortaliças, enfeitando os barrancos com cercas pintadas e a exuberância do verde. Os moradores eram algumas famílias de meeiros que haviam conseguido, a custo, juntar uns poucos contos de réis para investir naqueles pequenos patrimônios e conquistar uma relativa independência, plantando para abastecer a vila, que crescia com a chegada de migrantes vindos de diversas partes, inclusive da zona rural.

O pico de São Sebastião erguia-se como um marco imponente, o ponto mais alto da região. À noite, suas encostas ofereciam uma vista deslumbrante de ilhotas espalhadas pelo horizonte. Ao descer pelo lado sul, o cenário transformava-se: nascentes discretas formavam riachos que deslizavam pelas pedras, enquanto a vegetação rasteira preenchia os vales abaixo. Serpenteando até o mar, o cais abraçava as pedras da praia, abrigando o porto no sopé da montanha.

O dia já desmaiava, quando o carroceiro chegou para descarregar a última viagem de café. O chefe do porto, mal-humorado, rabiscou uma nota, assinou-a e entregou-a ao rapaz entre resmungos e comentários sobre o excesso de serviço.

— Vê se apressa amanhã para não me segurar até estas horas. Tenho mais o que fazer e você está me atrapalhando.

Esse “mais-o-que-fazer” resumia-se a vários tragos de cachaça no bar do Mestrin, enquanto assistia às partidas de bocha jogadas todos os dias — um costume trazido pelos italianos, que eram numerosos entre os que se estabeleceram na vila.

No horizonte, apenas um grande borrão vermelho das cores da tarde manchava o céu, onde, sobre o veludo escuro, já fiscavam os primeiros brilhantes. Àquela hora, o silêncio tomava conta dos campos, interrompido somente pelo pio de alguma ave noturna, já deixando o ninho. O canto monótono do carro de boi podia ser ouvido a grande distância, como se pranteasse a morte de mais um dia. Ele e Vadão seguiam agora sobre o carro, com o cigarro de palha entre os lábios, entregues ao cochilo, enquanto os animais trilhavam o caminho de volta, tão conhecido, com o passo mais esperto, adivinhando o merecido descanso.

Na porteira do pasto, os cães vieram recebê-lo, fazendo festa e insinuando-se com a presença sempre constante de Vadão. Da cozinha, chegava-lhe o cheiro do feijão no fogão a lenha, espicaçando-lhe o apetite e lembrando-o

de que fazia muitas horas desde a última refeição. Apressou-se em desatrelar os bois, soltando-os a pastar na grama do piquete, e tomou o rumo do córrego para se lavar na bica d'água fria, que despejava uma verdadeira cascata de prata à luz da lua cheia. Vadão o observava enquanto ele se banhava, cantarolando uma modinha bastante popular na época.

— Onde estará Janaína agora? — ele pensou, enquanto a água lhe lavava o cansaço.

A menina lhe ocupava os pensamentos dia e noite, mas o grande dia estava por chegar. Ela seria sua. Só sua. Para sempre!

— Me aguarde, italianinha!

O Passado No Passado

“Sou o coronel Arnaldo Garcia, senhor de quarenta mil alqueires que se estendem de Presidente Prudente a Lins! Minhas terras são ricas em gado e pasto, e hei de garantir o futuro de cada filho e neto!”

Assim era a apresentação do velho coronel por onde passava: orgulhoso de suas conquistas, olhava todos de cima, escondendo-se por trás das longas barbas que lhe caíam até o peito, ocultando a gravata e os primeiros botões do colete.

Sua filha Rose lhe dera os primeiros netos, Júlio e Nádia Cristtina, em quem ele via a continuidade de seu legado. Desde pequenos, ele os levava na sela de seu cavalo, passeando por toda a fazenda Val Paraíso.

As crianças cresceram sob o olhar vigilante do avô, tratadas como parte de uma família quase real, especialmente porque o pai, Rui, ficara viúvo muito cedo. Apaixonado pelos netos, o coronel fez questão de que morassem com ele no grande sobrado de madeira, a sede da